Fale para a sua avó: "Eu serei um cientista!" Provavelmente a expressão senil dos seus olhos será abrilhantada por um orgulho suspirante e dentro daquela cabecinha grisalha surgirão projeções de um sujeito esquisito, descabelado, de jaleco encardido e esbanjando genialidade.

Estará enfurnado num laboratório sem janelas e rodeado de tubos de ensaio, contendo líquidos de várias cores, que emanam incessantemente uma fumaça de cheiro estranho e que de vez em quando explodem...

Meu netinho!!!!!

A prática científica é assim mitificada pela maior parte da população. Nós, profissionais da saúde, ingressamos na faculdade com tal concepção e muitos saem, diplomados, ainda com ela. Na residência, há tanto para aprender que o negócio é mesmo pegar o "mastigado" dos livros-texto. Destarte, poucos são os estímulos à procura das informações nas suas fontes, à observação sistemática dos fenômenos em busca de respostas para as dúvidas cotidianas. Ou seja, poucos são aqueles conduzidos ao campo da pesquisa científica. A pesquisa é unanimemente considerada indispensável para o desenvolvimento e a independência financeira de um país.

No mundo real, porém, essa premissa esboça um tom demagógico e o que presenciamos é algo diferente. O excesso de escolas em algumas regiões do país e o modelo de ensino e treinamento adotado por elas leva a uma hiperplasia sistemática de profissionais com perfil exclusivamente assistencialista no mercado. Uma oferta que, como reforçado por diversos cronistas desse jornal, há superado a demanda, culminando com redução da remuneração e piora das condições de trabalho. Daí, todos nos ressentimos da falta de incentivo do governo ao desenvolvimento da ciência. Hei! E nós, fonte potencial de conhecimento e força de trabalho para a ciência, o que fazemos? Debandamos todos ao assistencialismo? A atitude unilateral, enfim, nunca vai lograr sucesso.

Há pouco adentrei (receoso, confesso) no mundo da pesquisa. Havia curiosidade, mas não sabia se o bastante para sustentar aquela decisão. Num país subdesenvolvido (em desenvolvimento....), como priorizar a pesquisa? Sem bolsa!? Como priorizar pesquisa? E com bolsa? Pouco mais de R$ 700,00 para o mestrando... Como priorizar a pesquisa? Teria eu paciência para a metodologia, para a estatística, para o afastamento das questões práticas? Aos poucos, percebi que havia muitos e muitos como eu. Com os mesmos medos e incertezas. Estavam ali há muito mais tempo e haviam se tornado mais convictos de suas aptidões, mesmo não afastando os velhos receios. A motivação veio como conseqüência.

Não me entendam mal os assistencialistas. A prática assistencial proporciona uma satisfação mais imediata, e não por isso menos nobre. Motiva. O profissional alienado dessa atividade toma distância das dúvidas que inspiram a maioria das pesquisas e, assim procedendo, tornar-se-ia um cientista hermético, incompleto. Posto assim, não pretendo abandonar a prática assistencial, mas quero encorajar os mais curiosos enfatizando que ela pode coexistir harmoniosamente com a atividade científica. Felizmente, algumas instituições de pesquisa no Brasil (e apesar do Brasil) ainda nos incentivam a continuar exercendo nossa curiosidade.

Dr. Severino Aires de Araújo Neto é membro titular do CBR, mestrando da FCM - UNICAMP - Campinas e médico da TOMOVALE - São José dos Campos (SP)